

Ulysses

# Mora na filosofia...

Vicente Pereira

Ulysses não conseguiu derrotar os ciclopes. Foi uma das provas que deixou rolar. Pra depois. Depois da Hidra de Lerna. Não, essa é outra estória. Essa é a de Hércules. Mas a de Ulisses é parecida. O esforço também tem sido hercúleo.



Ao pensar mais uma vez sobre as proezas do marido guerreiro, Mora, que justamente naquele momento desfazia os fios do tapete que tecera durante o dia, tentando escapar dos pretendentes, espetou o dedo na agulha. E pensou que aquele era o único sangue que correria de fato naquele país. E que havia algo de podre. Talvez a única coisa que tínhamos em comum com a Dinamarca. E lhe pareceu, de repente, que a missão do marido, o velho guerreiro, era impossível. Como exigir que aquele amontoado de corruptos obedecesse as tábuas da Lei? Mais fácil teria sido ir atrás do Santo Graal. Ou da pedra filosofal. Ou da rosa azul. Brazil, nunca mais.

O ruído da cambada de bárbaros, dispostos a impedir a transição política no reino, invadiu o aposento. O reino estava, finalmente, cumprindo o que os oráculos tinham previsto: A derrocada. Ela suspirou tentando afastar as amarguras. Eram tantas. Não cessavam de aumentar. E os que gritavam não eram do povo. O povo se calava, como de praxe por aqui.

"Tristes trópicos, meu velhinho, triste luta essa, não há justiça em Itaca", ela pensou. E dirigiu seu olhar para o vasto oceano que a janela emoldurava, esperando, inutilmente, que as velas do amado despontassem sobre as vagas no horizonte. Nada. Ele era o único que de fato poderia segurar aquela barra, mas não aparecia nunca na hora certa.

"De qualquer forma, é ele. É ele o homem. Quem de fato sabe. Quem de fato viu. Assistiu. Testemunhou. Ele está para o reino como Merlin está para a Távola Redonda e Camelot. Faltam-lhe alguns poderes. Mas tem, sem dúvida, os três básicos. Isso todo mundo sabe. O reino inteiro. Não há, desafio, alguém nessas léguas todas desse imenso torrão que não saiba de sua integridade. O inabalável. O íntegro. O justo". Ficou por alguns segundos recordando os títulos do marido. E nada. Decidiu-se mais uma vez não ceder ao desespero. Difícil ser casada com um homem, esse homem, de vida pública. Que devotou toda sua vida ao povo. Aos direitos do povo. A colocar ordem naquele galinheiro que era o congresso do reino.

"Ele quer um Brazil novo", quis gritar. "Justiça para todos. Honestidade como base de governo. É pouco, cambada? Honestidade para acabar com essa pouca vergonha que nossa pátria se tornou".

Sentiu que a pressão estava subindo. Suspirou, suspirou, andou de um lado para o outro, nervosa. Então, resolveu ligar prá Bety Savallas.



— Bety, querida. Estou passando mal com tanta apreensão. Tenho a impressão que seremos derrotados. Há muito tempo os justos não têm mais vez em Santa Cruz. Tô péssima. E depois, querida, ele não chega. Já desfiz o tapete tantas vezes. E você sabe como é difícil desfazer ponto com nó. Tenho a impressão, querida, que é melhor mesmo que eu me dedique definitivamente à tapeçaria. Política não é papo prá mim.

— Que nada. Pode ficar sossegada. Vamos vencer. Não acredite nas pesquisas. Nem nos alaridos. Bota fé no velhinho, Mora. E depois, prá que tanto sofrimento? Mora na filosofia, Mora: Prá que rimar amor com dôr?